

# **Improvisação teatral e ensino de ciências no PIBID: o discurso na interface entre linguagens**

## **Improvisational theater and science education in PIBID: discourse at the interface between languages**

**Bárbara Yuri Katahira**

Universidade Federal do Paraná (UFPR)  
barbarayk@gmail.com

### **Resumo**

Proponho uma relação entre improvisação teatral e ensino de ciências de maneira que os dois âmbitos estejam em diálogo em um ambiente escolar. Analiso dois jogos teatrais desenvolvidos no subprojeto PIBID de Ciências Biológicas de uma universidade pública no qual atuo como colaboradora. Busquei analisar o discurso dos sujeitos em relação a aspectos da Ciência, como o fazer científico, além da relação com a Igreja. Por ser um jogo de improvisação, ressalto que esses aspectos surgiram no próprio jogo que tinha como mote um texto sobre história da Astronomia. Observei, por exemplo, diferentes sentidos em relação ao cientista, embora o personagem interpretado tenha sido o mesmo. Analisei também aspectos referentes ao jogo teatral. Em alguns momentos, a escuta foi negligenciada, porém em outros destaco a cumplicidade entre os jogadores. Tomo como referencial da Análise de Discurso de linha francesa, Eni Orlandi, e da improvisação teatral, Jean-Pierre Ryngaert e Viola Spolin.

**Palavras chave:** Improvisação teatral, ensino de ciências, análise de discurso, PIBID.

### **Abstract**

Propose a relationship between improvisational theater and science education that can be seen from the way in which the two sectors to be in dialogue. In this research analyze theater games developed in the subproject PIBID of Biological Sciences. Sought to analyze the meaning of the subjects about the aspects of science, as the scientific and the relation with the Church. Once it comes to a game of improvisation, these aspects have emerged within the game that had the “trigger” a text about history of Astronomy. Observed different meanings about the scientist, even though the character has been interpreted the same. I also analyzed aspects relating to improvisational theater. In a few moments, listening was neglected, but in others observed the complicity between players. I have as reference of the language Discourse Analysis of French Line, Eni Orlandi, and, for improvisational theater, Jean-Pierre Ryngaert and Viola Spolin.

**Key words:** Improvisational theater, Science education, discourses analysis, PIBID.

## Introdução

Tenho observado que a interface<sup>1</sup> entre ensino de ciências e múltiplas linguagens, como a imagética, as histórias em quadrinhos, a literária, a das artes cênicas, têm sido objeto de estudo de muitas pesquisas. Porém, em minhas buscas nos periódicos da área de ensino de ciências tenho visto a predominância de estudos que investigam esta relação visando à motivação dos alunos ao interesse por um conceito ou por uma disciplina, ou ainda à aprendizagem de um “conteúdo científico”. A meu ver trata-se de uma abordagem reducionista, uma vez que um dos campos torna-se uma “ferramenta” para o outro. Poucos são os estudos que investigam a relação em si, observando a possibilidade de contribuições para ambos. (KATAHIRA e OLIVEIRA, 2011)

Na interface que proponho nesta pesquisa o ensino de ciências e a improvisação teatral estão em diálogo no ambiente escolar, favorecendo a ambos e aos sujeitos envolvidos nesta relação.

Apoio-me na Análise de Discurso de linha francesa (doravante AD) para acrescentar que compreendo a necessidade de nós professores refletirmos sobre a nossa prática e a inclusão de múltiplas linguagens como as citadas acima em nossas aulas. Pois, concordo com Orlandi (2008, p. 39) ao dizer que a escola muitas vezes valoriza a escrita em relação à oralidade e, por vezes, a linguagem verbal em detrimento da linguagem não-verbal.

Assim, esclareço que não busco estabelecer uma metodologia ou um recurso didático que *dê certo* no ensino, mas, a relação entre uma linguagem das artes cênicas, a improvisação teatral, e o ensino de ciências, uma linguagem científico-escolar. Nesta interface procuro investigar os sentidos produzidos para destacar as possíveis contribuições, pois

a convivência com a música, a pintura, a fotografia, o cinema, com outras formas de utilização do som e com a imagem, assim como a convivência com linguagens artificiais poderiam nos apontar para uma inserção no universo simbólico que não é a que temos estabelecido na escola. Essas linguagens não são alternativas. Elas se articulam. (ORLANDI, 2008, p. 40).

Meu objetivo, portanto, é analisar o discurso de integrantes do projeto PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) de um curso de Ciências Biológicas, durante um jogo teatral e observar que sentidos são produzidos em relação à Ciência e também a aspectos da improvisação teatral.

## Improvisação Teatral

“Todas as pessoas são capazes de atuar no palco. Todas as pessoas são capazes de improvisar. As pessoas que desejarem são capazes de jogar e aprender a ter valor no palco.” (SPOLIN, 2010, p. 3). Tenho nessas palavras de Viola Spolin um incentivo à minha inserção no campo das artes cênicas, mais especificamente a improvisação teatral. E não somente a minha inserção, mas a de qualquer pessoa que desejar experimentar o jogo teatral, seja ela estudante ou professor (a).

Segundo Desgranges (2011, p. 87) os jogos de improvisação constituem-se em cenas que tomam como mote uma proposta inicial, podendo se desenvolver sem combinação prévia.

O autor toma como referência Jean-Pierre Rynngaert, para dizer que a improvisação teatral não deve ser vista como um teatro empobrecido ou uma prática preparatória, mas como teatro, “ponto”. Indo mais além, se a improvisação teatral não puder ser considerada teatro, não haveria como considera-la outra coisa. (DESGRANGES, 2011, p. 91).

---

<sup>1</sup> Tenho neste estudo o termo “interface” como o ponto de integração entre dois âmbitos distintos, pelo qual um campo se comunica com o outro.

Entendo, porém, que há muitas vezes um imaginário referente a um teatro “formalizado” que distancia erroneamente os jogos teatrais do teatro. Mas vale ressaltar aqui que a improvisação teatral possui uma base teórica e uma metodologia própria.

Nos estudos de Gonçalves (2008) encontro como fundamentação teórica as considerações de Spolin, ou seja, aspectos que precisam ser levados em conta no jogo teatral. São os seguintes:

- a) *ONDE*: o local onde se passa a ação. Os atores são responsáveis por criar e tornar visível ao público o espaço onde acontece a cena.
- b) *QUEM*: o personagem. Os atores mostram quem são seus personagens através do comportamento e do relacionamento entre eles.
- c) *O QUÊ*: a ação. Os atores encenam com um objetivo, uma razão pela qual tais personagens estão em tais lugares e agem de tal forma. Segundo a autora, sem objetivos não há ação, e sem ação não há interação. (GONÇALVES, 2008, p. 22)

Outros pontos necessários à compreensão das análises que serão apresentadas nesta pesquisa fazem referência aos aspectos que são “obstáculos ao jogo” e os que são “a favor do jogo”. Apontamentos de Ryngaert (2009) na tentativa de compreender alguns critérios que envolvem a capacidade de jogo.

Segundo o autor, são obstáculos ao jogo:

- a) A inibição: “Comodamente definida como um ‘bloqueio’, ela se traduz, sobretudo, por uma impossibilidade de superar a angústia causada pelo olhar do outro ou o sentimento de ser ridículo a seus próprios olhos...” (RYNGAERT, 2009, p. 45). Recomenda-se trabalhar com jogos de aquecimento, que “preparem” os jogadores para a improvisação teatral em si.
- b) A extroversão: “... a expressão transbordante que nunca leva em conta a existência de parceiros.” (RYNGAERT, 2009, p. 48). Torna-se um obstáculo justamente por ir contra as relações entre jogadores citadas anteriormente.
- c) A negação do jogo: Este obstáculo pode ser observado quando o jogador tem uma preocupação excessiva em sentir-se seguro em jogo. Por exemplo, quando um jogador nega a proposta de um companheiro de cena, pela necessidade de se sentir seguro jogando dentro de sua própria proposta.
- d) O *savoir-faire* limitado: Uma habilidade ao jogo limitada. Torna-se um obstáculo, pois limita a criatividade e espontaneidade nas improvisações.

A favor do jogo:

- a) A presença: “... creio ser possível aprender a *estar presente*, disponível, ao mesmo tempo imerso na situação imediata, e, no entanto, aberto a tudo o que pode modificá-lo.” (RYNGAERT, 2009, p. 55). Este aspecto favorece o jogo na medida em que o jogador encontra-se disponível às relações que os próprios jogos buscam estabelecer.
- b) A escuta: “Aparentemente nada mais simples: escutar um parceiro consiste em se mostrar atento a seu discurso ou a seus atos e, conseqüentemente, reagir a eles.” (RYNGAERT, 2009, p. 56). Dito de outra maneira, estar totalmente receptível ao outro.
- c) A ingenuidade: “... a capacidade do jogador de não antecipar o comportamento do outro mediante suas próprias reações.” (RYNGAERT, 2009, p. 57). Compreendo que a ingenuidade favorece o surgimento de cenas inusitadas, é o “deixar-se surpreender”.
- d) Reação e imaginação: “... uma percepção apurada da atmosfera alimentam o jogo, já que, ao invés de lutar para manter a qualquer preço a partitura inicial, eles se servem dela como trampolim que dará novamente frescor e vitalidade à representação.” (RYNGAERT, 2009, p. 59). Acrescento a este tópico, a criatividade aliada à reação e imaginação.

e) Cumplicidade e júbilo: “O entendimento entre os jogadores, a mobilização das capacidades de escuta e de reação criam um estado particular de cumplicidade que é uma das dimensões do prazer do jogo.” (RYNGAERT, 2009, p. 59). A meu ver, diz respeito à consciência de conjunto que envolve jogadores em cena e plateia, ou seja, compreender que todos são cúmplices em um mesmo jogo.

### **A posição do sujeito no discurso**

Quando me refiro a “discurso”, tomo como referencial da AD os estudos de Eni Orlandi (2012). Desta forma, o discurso não se trata de uma transmissão de informações uma vez que se dá em uma relação entre sujeitos produzindo sentidos por meio do funcionamento da linguagem. Segundo Orlandi (2012, p. 21), “o discurso é efeito de sentidos entre locutores”.

Nesta relação entre locutores, podemos dizer que não são os “sujeitos físicos” que se colocam no discurso, mas as imagens que resultam de suas projeções frente aos interlocutores e a outros discursos. São estas projeções que compõem as formações imaginárias. Além disso, elas “permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso.” (ORLANDI, 2012, p.40). Em outras palavras, a distinção entre o lugar e a posição do sujeito está, no segundo caso, na inscrição do sujeito em uma dada formação imaginária.

Desta forma um sujeito pode dizer “x” ou “y” de acordo com a formação imaginária em que está inscrito. Porém, vale ressaltar que não são nas palavras em si mesmas que o sentido está, mas é necessário atrelar o dizer a uma formação discursiva.

Segundo Orlandi (2012, p. 43), “A formação discursiva se define naquilo que numa dada formação ideológica (...) determina o que pode e deve ser dito”. Assim, um discurso se constitui em seus sentidos porque o sujeito está inscrito em uma formação discursiva e não em outra, para produzir, portanto, um sentido e não outro.

### **O projeto PIBID**

Este Programa é uma iniciativa ao aperfeiçoamento e valorização da formação de professores para a educação básica, como informa a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), mantenedora do projeto. O PIBID fornece bolsas a licenciandos para a participação em projetos desenvolvidos por instituições de nível superior em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino.

O projeto no qual atuo como colaboradora é desenvolvido em um curso de licenciatura em Ciências Biológicas, contando com 2 (duas) professoras supervisoras, sendo uma da disciplina de Ciências no ensino fundamental e outra da disciplina de Biologia no ensino médio. E atualmente estão inseridos no projeto 15 (quinze) bolsistas.

Temos (eu e mais dois colaboradores) desenvolvido discussões semanais e promovido atividades em torno da interface entre ensino de ciências e múltiplas linguagens, pensando mais especificamente na ficção científica, na história em quadrinhos e na improvisação teatral. Nosso objetivo é que tanto professores em formação quanto as professoras supervisoras reflitam acerca da prática pedagógica. Além disso, os bolsistas têm produzido materiais didáticos e implementado propostas de ensino com diferentes linguagens nas escolas envolvidas.

### **Os sujeitos da pesquisa**

Nesta pesquisa apresento a análise de 2 (dois) jogos teatrais realizados em uma reunião com os bolsistas e as professoras supervisoras. Neste dia também estavam presentes 3 (três)

bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica Júnior (PIBIC Júnior), que têm como supervisora a professora de biologia participante do projeto. Cabe ressaltar que a intenção desses bolsistas PIBIC Júnior também é investigar as múltiplas linguagens.

A fim de preservar a identidade dos sujeitos, atribuí-lhes nomes fictícios. Além disso, os dividi em dois grupos de acordo com o jogo em que participaram. Portanto, de todos os participantes do projeto, somado aos bolsistas de iniciação científica júnior, compõem esta pesquisa os seguintes sujeitos:

Grupo	Nome (fictício)	Cargo	Nível de ensino em que se encontra
1	André	Bolsista PIBID	Licenciando Ciências Biológicas
1	Luísa	Bolsista PIBID	Licencianda Ciências Biológicas
1	Cristina	Colaboradora PIBID	Licencianda Ciências Biológicas
1	Flávia	Colaboradora PIBID	Licenciada Ciências Biológicas
2	Gustavo	Bolsista PIBIC Júnior	Aluno 3º ano Ensino Médio
2	Eduardo	Bolsista PIBID	Licenciando Ciências Biológicas
2	Luciane	Bolsista PIBID	Licencianda Ciências Biológicas

FONTE: A autora (2013)

Compreendo a relevância de sujeitos bolsistas e colaboradores jogando juntos, pois, desta forma, estímulo a cumplicidade entre os participantes do projeto.

## Princípios e Procedimentos Metodológicos

Iniciamos as atividades com três jogos de aquecimento visando amenizar os efeitos da inibição, obstáculo ao jogo, e também incentivar a escuta e a presença, fatores que favorecem o jogo, segundo Ryngaert (2009).

Em um segundo momento, com o objetivo de aproximar os participantes da pessoa de Galileu Galilei, os incentivei a se colocarem na posição do cientista. Para tanto, utilizando um texto sobre a História da Astronomia, fizemos um exercício de leitura de dois trechos. O primeiro, uma afirmação de Galileu acerca de suas ideias em defesa do modelo copernicano em contraposição ao sistema aristotélico-ptolomaico, muitas vezes defendido com o suporte de uma passagem da Bíblia.

Fizemos uma leitura em conjunto e, em seguida, caminhando pelo espaço disponível, cada participante, com o trecho em mãos realizou a leitura em voz alta e quantas vezes fossem possíveis.

Com o mesmo objetivo e seguindo as mesmas orientações, fizemos a leitura do segundo trecho, um recorte da confissão recitada e assinada por Galileu em 1633. Em todos esses exercícios todos participaram, inclusive eu.

Após esses exercícios, alguns participantes fizeram a leitura dos trechos individualmente frente aos demais.

Por fim, realizamos dois jogos teatrais. No primeiro grupo participaram quatro sujeitos e, no segundo grupo, três sujeitos. Vale ressaltar que todos os participantes foram convidados a participar do jogo, portanto, os sujeitos participaram voluntariamente.

A proposta do jogo era desenvolver uma cena, de maneira improvisada, tendo como disparador a leitura do seguinte trecho do mesmo texto utilizado nos exercícios anteriores:

*Chegamos a um período em que paradigmas tidos quase como imutáveis são rompidos. Isso só ocorre porque regras e verdades são violadas. A migração do geocentrismo para o heliocentrismo não se traduz apenas numa leitura mais aproximada do Universo. Há rupturas com o senso comum e com o fundamentalismo religioso. Um e outro foram e são óbices na (re)leitura que a Ciência fez e faz do mundo natural.*

Após a leitura do trecho dava-se o início da cena. Os personagens também se estabeleceram no momento do jogo.

Nos dois grupos observei a relação entre Galileu e os representantes da Igreja. Devido à limitação no número de páginas não poderei apresentar neste artigo a transcrição das duas cenas. Mas, ressalto que nos dois jogos houve a discussão em torno da confissão de Galileu, se ele deveria fazê-la ou não. Outro ponto em comum foi o desfecho da cena. Ambos terminaram com a decisão do cientista em assinar o termo ordenado pela Igreja.

Para a análise, busquei observar os aspectos do jogo e as relações entre os jogadores, e também, sentidos referentes à Ciência, dos sujeitos que interpretaram Galileu.

### **Aspectos do jogo teatral**

Grupo 1 (André-Galileu; Luísa-Colega de Galileu; Cristina e Flávia-representantes da Igreja):

O jogo inicia quando Luísa aborda André chamando-o de “Galileu”. Neste momento a resposta de André foi “Não sei nem o que dizer” de maneira insegura, porém, em seguida reafirma seguramente. Pude perceber que, embora a resposta de André em um primeiro momento tenha sido dele mesmo enquanto jogador, logo em seguida, houve uma aceitação da proposta feita por Luísa e ele se posicionou enquanto Galileu. Neste caso, a “cumplicidade” e a “resposta” (Ryngaert, 2009) surgem favorecendo o jogo.

Em um segundo momento, entram em cena os representantes da Igreja, Cristina e Flávia. Um breve diálogo se estabelece entre eles, os representantes e Galileu. Porém, a princípio houve uma dificuldade de André compreender que Flávia era um membro da Igreja. Isso pode ter ocorrido devido à falta de “escuta” (Ryngaert, 2009) de André em relação aos atos de sua companheira de jogo, ou poderia ser porque Flávia não deixou claro “quem” (Spolin *apud* Gonçalves, 2008) ela era na cena. Porém, já no início da cena, Flávia diz a André “Hein, Galileu, nós somos da Santíssima Igreja, você sabe, né?”.

Em vários momentos Galileu tenta argumentar sobre suas ideias buscando talvez uma aceitação por parte dos membros da Igreja, porém, Flávia se posiciona a todo o momento negando as ideias. Entendo que, neste caso, não há uma negação da proposta do jogador, mas uma resposta negativa frente às ideias do personagem.

Grupo 2 (Gustavo-Galileu Galilei; Luciane e Eduardo- Colegas de Galileu):

Neste caso, a decisão de Gustavo em ser Galileu também veio em resposta à fala dirigida a ele pelos companheiros de jogo.

Neste grupo estabeleceu-se uma relação de jogo e cumplicidade (Ryngaert, 2009) interessante. No final da cena houve uma troca sequencial de falas entre os jogadores, de um lado, Galileu, e do outro os colegas buscando convencê-lo a assinar a confissão ordenada pela Igreja. A sequência ocorreu de uma forma tão sequencial que, próximo ao fim, Luciane e Eduardo respondem juntos e com as mesmas palavras a uma pergunta feita por Gustavo. Embora os personagens estivessem em lados antagônicos, os jogadores estavam jogando juntos.

## Sentidos referentes à Ciência

Nos dois grupos a decisão pelo personagem de Galileu veio de uma aceitação de proposta dos jogadores e não por uma escolha a priori. Entendo que isso pode ter ocorrido porque, para os jogadores, ser Galileu coloca-os em uma posição mais instável e vulnerável pelos fatos ocorridos com o cientista.

Neste tópico desejo me ater ao discurso de André e Gustavo, que representaram Galileu. O que me chamou a atenção é que, mesmo representando o mesmo personagem, os sujeitos deslizaram sentidos muitas vezes diferentes em relação ao cientista, ao fazer científico e principalmente na relação entre Ciência e Igreja. Entendo que, de acordo com a AD, André e Gustavo estão inseridos em formações discursivas diferentes, embora estejam em uma mesma situação empírica, e, portanto, em um mesmo *lugar* de sujeito, estão em *posições* de sujeito distintas. Vale lembrar que André é um licenciando do curso de Ciências Biológicas, enquanto que Gustavo é um aluno do 3º ano do ensino médio.

Referente ao fazer científico e ao próprio cientista, diante dos questionamentos dos membros da Igreja (grupo 1), André diz “Mas é tão claro pra mim o que eu penso e não tem, não tem como tirar isso da minha cabeça.”. E mais à frente ele questiona “Você, você sabe sobre meus estudos? (...) Mas não faz sentido pra você?” e também afirma “Mas eu ainda acredito que se eu falar a minha verdade as pessoas vão é...”.

Já diante dos colegas, Gustavo também faz referência aos seus estudos “Mas segundo os meus estudos, eu acho que...” e depois “Ah... Mas o Papa eu não sei se ele estudou que nem eu pra ver se ele pode provar que eu estou errado. Segundo os meus estudos eu posso provar pra ele.”.

Ambos parecem valorizar os estudos do cientista. Porém, indo mais além, compreendo que ao utilizar os termos *provar* e *errado*, Gustavo se refere a um fazer científico constituído de erros e acertos, além de provas e refutações.

André, no último trecho, ao falar *minha verdade*, embora utilize o termo “verdade”, indica uma concepção de verdade provisória, de uma interpretação feita pelo cientista. Uma concepção que pode ser aceita ou não, mas que, segundo o primeiro trecho, é algo tão claro para ele que dificilmente poderiam convencê-lo a mudar de ideia.

Em relação à Igreja, Gustavo demonstra não achar relevante o fato do Papa questionar os estudos de Galileu. Pois, além do trecho citado em que ele se refere ao Papa, há outro em que Eduardo diz “E é o Papa, velho! Olha o Papa! É o Papa!” e Gustavo responde simplesmente “Ah...” subestimando a posição eclesiástica.

Ao final das duas cenas, ambos concordam em assinar a carta, mas, para André, entendo que há um peso nessa decisão, de rendição, de abandonar suas ideias, pois ele termina dizendo “Infelizmente eu vou ter que me render a isso.”.

Enquanto que para Gustavo não há esse mesmo peso, de abandono de concepções. Ele parece indicar que a assinatura da confissão é um ato que vem apenas para livrá-lo (Galileu) da morte. Pois suas últimas falas foram “Então acho melhor eu aprovar, porque afinal ninguém gosta de pegar fogo né? Então...”; “Então é só ler a carta? (...) Sem fogo?”; “Então acho que dá pra ir né?”. Em outras palavras, a atitude era *somente* a leitura de uma carta para livrá-lo de ser queimado.

## Considerações

A partir desses jogos, que relacionaram uma linguagem teatral e uma linguagem científico-

escolar, aponto a importância de aproximar uma linguagem que possibilite que os sujeitos se expressem de diferentes maneiras.

Por se tratar de um projeto com futuros professores esse exercício possibilita que os licenciandos compreendam que é possível trabalhar em sala de aula, além da linguagem escrita, a oral, neste caso o teatro. Também, que em um jogo de improvisação teatral, diminuamos a tendência dos alunos expressarem apenas aquilo que eles julgam que nós professores desejamos que eles expressem, pois há o incentivo para os alunos expressarem suas próprias ideias.

Compreendo que isso não é algo simples. Mas, tivemos aqui um exemplo de que é possível. Nesta pesquisa observamos dois sujeitos, jogadores, que assumiram o mesmo papel na cena, porém, que desvelaram em seus discursos diferentes ideias e pensamentos referentes à Ciência, ao cientista, ao fazer científico e à Igreja.

Acredito que, desta forma, a relação entre diferentes linguagens se dá de uma maneira não reducionista, além de possibilitar a problematização de aspectos da Ciência, visto que tratamos do ensino de ciências, mas sem colocar à parte os aspectos da improvisação teatral.

O jogo teatral favorece as relações sociais, uma vez que todos participam juntos dos jogos de aquecimento e todos são convidados a improvisar. Ampliando este pensamento para a sala de aula, acredito que possa favorecer as relações entre os alunos e entre nós professores e os alunos.

## **Agradecimentos e apoios**

Agradeço à CAPES pelo financiamento de bolsa de estudos, e especialmente agradeço às professoras e bolsistas envolvidos no projeto PIBID.

## **Referências Bibliográficas**

DESGRANGES, F.. **Pedagogia do teatro: Provocação e dialogismo**. – 3ª ed. – São Paulo: Editora Hucitec: Edições Mandacaru, 2011.

GALILEI, Galileu. **Duas novas ciências**. São Paulo: Nova Stella/Instituto Italiano di Cultura, 1988.

GONÇALVES, J. C.. **A escola em discurso: Análise enunciativa de um exercício de improvisação teatral**. 75f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2008.

KATAHIRA, B. Y. e OLIVEIRA, O. B.. **Atividades culturais no ensino de ciências: investigando os periódicos da área**. In: Encontro Regional Sul de Ensino de Biologia (EREBIO-SUL), 5., 2011, Londrina. Disponível em: <<http://www.uel.br/ccb/biologiageral/eventos/erebio/comunicacoes/T153.pdf>>. Acesso em 14/08/2013.

ORLANDI, E. P.. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. – 10ª ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, E. P.. **Discurso e Leitura**. – 8ª ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, representar**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.